

5. Os Lusíadas de Camões

➔ Manual · p. 291



Faixa 16

A máquina do mundo



05 min 19 s

Estando a barriga e o espírito saciados, a ninfa de boa qualidade que coubera a Vasco da Gama, chamada Tethys, pediu-lhe que o seguisse e que levasse os seus homens de companhia.

Não demoraram a chegar ao cume de um monte, estavam de boa perna. O chão estava pavimentado de brilho. Nesse ar, sustinha-se um globo transparente que mostrava o centro e a superfície ao mesmo tempo. Era desconhecida a matéria que compunha todas aquelas esferas concêntricas, sistema de profundo engenho. Vasco da Gama ficou assombrado com essa visão de perfeita uniformidade, suspensa no seu próprio equilíbrio.

Tethys disse-lhe:

É um modelo do mundo, para que avalies nesta miniatura os lugares que percorreste e percorrerás, assim como a dimensão dos teus desejos.

Disse-lhe:

É a máquina do mundo *Made in Infinito*. O entendimento da fábrica de Deus não está ao alcance dos homens, mas a sua obra existe para ser aprendida.

Explicou-lhe:

Na primeira esfera, está a luz incandescente das almas que contemplam Deus, compreendido apenas por si mesmo, comparável apenas consigo próprio. É a dimensão dos espíritos limpos. Por baixo desta, está outra, rápida, a dar ânimo às esferas que abriga no seu interior. Essa é a energia que move o sol e que faz alternar os dias e as noites. Há outras esferas, são tantas. Numa dessas camadas, as constelações. O firmamento é aquela que se acerta logo abaixo das estrelas.

Explicou-lhe também:

As esferas dos planetas, da lua, ou todas as outras têm movimentos próprios, mais ou menos graves, mais perto ou mais longe da terra, o centro. Nesse ponto importante, está marcado o mais fundo de todas as esferas. É lá que vivem os humanos. Entre esses, há alguns a quem não bastam os perigos da terra e que, por isso, se fazem ao mar. Repara nas divisões do mundo: a Europa desenvolvida, a África subdesenvolvida, o cabo de grandes transtornos que até aqui não tinha sido atravessado. E repara nas lagoas, nos rios, nas casas. Presta atenção aos canais, aos cabos, às costas.

E apontou-lhe:

Olha o monte Sinai, Toro, Gidá, o estreito de Bab-el-Mandeb, a Arábia Petreia, a Arábia Deserta, a Arábia Feliz, o estreito de Fartaque, Dófar, o cabo de Roçalgate, o cabo Asaboro ou Moçandão, a ilha Barém, a grande Pérsia, a ilha Gerum, o rio Indo, Ulcinde, a enseada de Jáquete, as terras de Cambaia, a costa indiana até ao cabo Comori, o reino de Narsinga, onde existia Meliapor. [...]

Olha o caminho do Ganges, Chatigão, o reino Arracão, Pegu, Tavai, Tenassari, Quedá, Malaca, o estreito de Singapura, Pam, Patane, os terrenos de Sião, o rio Menão, o lago Chiamai, o Laos, Avás, Bramás, Camboja, o rio Mecom, a costa Champá, a Cauchichina, o Ainão, o Japão, as infinitas ilhas espalhadas pelos mares do oriente, Tidore, Ternate, as ilhas de Banda, o Bornéu, Timor, Sunda, Ceilão, Socotorá e Madagáscar.

Muito mais havia para ver.



Tethys afiançou que os portugueses haveriam de conhecer todas essas terras e que todas essas terras conheceriam os portugueses. Assim aconteceria na grande América, onde haveriam de encontrar uma terra de verdadeira e santa cruz. Fernão Magalhães haveria de descer a sua costa e descobrir-lhe um precioso estreito.

45 Depois de dar a conhecer tudo isto, como um espelho nítido a refletir glória futura, Tethys despediu-se daquele que amava.

PEIXOTO, José Luís, 2013. *Os Lusíadas para toda a família* – Canto X. Visão (pp. 8-10)

